

---

## O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM: TRÊS EXPLICAÇÕES POSSÍVEIS

Thaysa Oliveira Barbosa (UFPE)<sup>1</sup>  
Emanuelle Camila Moraes de Melo Albuquerque (UFRR)<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo fazer um apanhado de como ocorre a aquisição de linguagem e explicar quais as possíveis diferenças que acontecem nesse processo por meio de visões distintas da Linguística. O objetivo central, portanto, é responder a seguinte questão: Como as crianças começam a falar? Para responder a este questionamento, realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico, através de três correntes teóricas que buscaram dar possíveis explicações para esses questionamentos, a saber: o Behaviorismo de Skinner (1957), com a hipótese comportamentalista; o Gerativismo de Chomsky (1959), com a hipótese inatista; e a hipótese interacionista proposta por Vygotsky (1978). Ao fim, traçamos uma comparação entre essas correntes teóricas a fim elucidar quais as principais diferenças admitidas entre as três perspectivas teóricas e quais as contribuições teóricas de cada uma delas para o campo de investigação da aquisição da linguagem.

**Palavras-chave:** aquisição da linguagem. behaviorismo. inatismo. interacionismo.

## THE PROCESS OF LANGUAGE ACQUISITION: THREE POSSIBLE EXPLANATIONS

**Abstract:** This work aims to make an overview of how language acquisition occurs and explain the possible differences that occur in this process through different views of Linguistics. The central objective, therefore, is to answer the question: How do children begin to speak? To answer this question, we carried out a bibliographical research, through three theoretical currents that ought to give possible explanations for these questions, namely, Skinner's Behaviorism (1957), with the behaviorist hypothesis; Chomsky's Gerativism (1959), with the innatist hypothesis; and the interactionist hypothesis proposed by Vygotsky (1978). In the end, we will draw a comparison between these theoretical currents in order to elucidate the main differences admitted between the three theoretical perspectives and what are the theoretical contributions of each one of them to the field of investigation of language acquisition.

**Keywords:** language acquisition. behaviorism. innatism. interactionism.

### Introdução

O processo de aquisição de linguagem é algo que há muito desperta o interesse das

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, doutoranda pelo programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Contato: autora

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Roraima, doutoranda pelo programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Contato: autora

peessoas de uma maneira geral, sejam eles pais, psicólogos, linguistas e outros profissionais, pois ocorre de maneira rápida, de forma eficiente e é com bastante destreza que vemos que as crianças passam de fase de infante à falante. É algo que ocorre às crianças basicamente na mesma faixa etária em todo mundo, independente da língua que estejam adquirindo. Portanto, pretendemos com este artigo fazer revisão teórica apresentando as três principais perspectivas teóricas que tentam dar conta de explicar como isso se dá.

Os seres humanos utilizam símbolos e estruturas linguísticas padronizadas, porém, não possuem apenas um sistema de comunicação para todos. No decorrer dos anos, esses sistemas de comunicações compostos por sons, gestos, expressões corporais, olhares, etc., foram multiplicando-se de acordo com seus respectivos grupos de humanos, fazendo com que a criança se adapte facilmente ao sistema de comunicação utilizado no grupo social em que ela está inserida.

De acordo com Sim-Sim (2017), o desenvolvimento da linguagem na criança é materializado em modificações quantitativas e qualitativas na compreensão, produção verbal; e a descrição e explicação dessas modificações é o objeto de estudo do ramo de conhecimento que se designa por Aquisição da Linguagem.

O ramo que estuda a aquisição da linguagem procura entender como funciona o processo de aquisição de uma língua em uma pessoa não-falante nos seus primeiros anos de vida e todas as influências que circundam esse processo, que muitas vezes parece tão simples, mas, na verdade, é bastante complexo.

Os primeiros estudos de observações sistemáticas foram iniciados no século XIX por Charles Robert Darwin, autor da teoria da evolução, da origem das espécies e do processo de seleção natural. Darwin assinou um diário que registrava objetivamente o desenvolvimento de seu filho mais velho, Willian E. Darwin.

A partir da descoberta desse modo de observação e anotações criadas por Darwin, mais adiante, as pesquisas que envolviam desenvolvimento linguístico em crianças passaram a usar este método. Deste modo, é possível entender que estas anotações podem ser consideradas um dos marcos iniciais dos estudos sobre a aquisição da linguagem, abrindo caminho de possibilidades de pesquisas científicas em torno desse campo de conhecimento.

Esses registros foram intitulados como “Estudos de diários ou biografia de bebês” e deram início à construção desse ramo do conhecimento científico. Todas essas observações foram publicadas trinta e sete anos depois de recolhidas e detalham precisamente o

desenvolvimento de William. Nessas anotações, Darwin (1877) afirma que seu filho, antes mesmo de completar um ano de idade, foi capaz de inventar uma palavra para “comida” e “mãe”, e que passou a substituir o choro por essas palavras quando sentia fome. O que também lhe permitiu compreender gestos, entonações e frases curtas.

Assim, seguindo esse modelo de observação, os primeiros registros sobre como ocorria a aquisição de linguagem nas crianças foi feito pelos diaristas, ou seja, pais linguistas que faziam anotações das evoluções ocorridas no desenvolvimento das crianças diariamente. Sobre esses estudiosos, Quadros e Finger (2017) afirmam que:

Os primeiros estudos realizados de forma mais sistemática de que se tem notícia – os chamados “estudos de diários” ou “biografias de bebês” – caracterizavam -se por registros detalhados em diários, normalmente feitos pelos pais, de modificações na fala da criança ao longo de um determinado tempo. (QUADROS e FINGER, 2017, p. 13, grifos do autor)

Hodiernamente, esses estudos seguem com perspectivas teóricas diversas, mas todas com um objetivo central: explicar como ocorre o processo de aquisição de linguagem. E ainda, buscam esclarecer quais são as possíveis etapas pelas quais as crianças passam e quando se dá por finalizado esse processo.

Com base no exposto acima, buscamos, sustentados em três correntes teóricas, tentar responder às perguntas: Como as crianças começam a falar? Como as crianças lidam com o material linguístico de que dispõem? Quando isso ocorre? Qual o papel do adulto nesse processo? Para responder a estes questionamentos, recorreremos aos pressupostos teóricos e metodológicos das perspectivas: a) behaviorista, na qual os pesquisadores acreditavam que a aquisição ocorria porque as crianças imitavam a fala dos adultos, fazendo cópias fieis aos dados que ouviam; b) inatista, que assume que as crianças nascem com um dispositivo biológico típico da espécie humana que os permite adquirir uma ou mais línguas ao mesmo tempo, desde que estejam em contato com os indivíduos da espécie; e c) interacionista, na qual o enfoque é dado não ao aparato genético da espécie humana e sim à interação entre a criança e os seres mais evoluídos da espécie, mais especificamente, a mãe, e é por e pela interação que se dá a aquisição de uma língua.

Para tanto, nas seções que seguem, explicaremos uma a uma as supracitadas perspectivas teóricas, seus autores e desdobramentos teóricos.

## 1. HIPÓTESE BEHAVIORISTA

A hipótese behaviorista, também chamada de comportamentalista, teve como principais expoentes os psicólogos John B. Watson (1878-1958), Ivan Pavlov (1849 – 1936) e Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) e é, em linhas gerais, a teoria que postulava que a língua era algo externo ao ser humano, um sistema de hábitos aprendidos por meio de estímulo-resposta.

Os pressupostos defendidos por essa corrente teórica têm uma motivação da Psicologia e visam analisar o comportamento dos seres humanos em pé de equivalência a todos os outros animais existentes. Podemos dividi-la em duas fases: o behaviorismo metodológico, defendido por Pavlov e Watson e o behaviorismo radical, defendido por Skinner. Em ambas se tem a defesa de que os sentimentos e ou qualquer outra determinação de comportamento não têm nenhuma relação com o cérebro e sim é feito através de estímulos do meio ao qual estamos expostos.

Dá-se importância ao ambiente externo que possibilita o aprendizado por meio do “condicionamento clássico”, ideia defendida por Watson e Pavlov, ou seja, tudo que os seres humanos aprendem pode ser comparado com os estímulos internos e externos que nos levam a produzir respostas, isso ocorre inclusive com a língua. Sobre esse conceito, Quadros e Finger nos esclarecem:

Independente de qualquer condicionamento prévio, os cães normalmente salivam ao serem colocados diante de um alimento. A esse comportamento denominou-se primeiramente “resposta natural”, mais tarde “resposta incondicionada”, dado que o ato de salivar nada mais é do que uma simples consequência do animal a um estímulo natural também “incondicionado”, nesse caso, o alimento, então Pavlov verificou que se fosse introduzido um estímulo qualquer, no caso, o toque de um sino associado à entrega do alimento ao cão, o animal se condicionaria a salivar mesmo sem a presença do alimento. (QUADROS E FINGER 2017, p. 20, grifos das autoras)

A essa ideia de condicionamento clássico foi adicionada, por Skinner, a noção de reforço, e então passou a ser conhecido como condicionamento operante, ou seja, as pessoas são sim influenciadas pelo ambiente externo, mas também são capazes de agir a fim de produzirem certas consequências.

No campo da filosofia, Skinner lutava contra o espiritualismo e o mentalismo. Por essa razão, não levava em consideração fatores relacionados a espírito, vontades, interesses e

sentimentos, haja vista que estes fatores não eram capazes de explicar nenhum comportamento por si só. Por isso, o papel do pensamento de Skinner era combater qualquer aspecto casual e usar como base para explicar o comportamento, somente o meio e suas influências, ou seja, para Skinner, o behaviorismo é uma filosofia da ciência do comportamento.

Nesse sentido, o Behaviorismo procura compreender quais são as variáveis que controlam o comportamento e explicar de que forma elas interagem para gerar uma ação, variáveis essas denominadas como: estímulo, resposta e reforço. O estímulo se relaciona diretamente com a resposta, que também se liga diretamente ao meio social e ao comportamento de um indivíduo. Já o reforço, funciona como um intensificador de uma resposta já esperada. Por exemplo, um determinado estímulo vai conseguir que a resposta seja dada com mais precisão. “Em ambos os casos, o efeito do reforço é o mesmo: a probabilidade da resposta será aumentada” (SKINNER, 1970, p. 48-49).

Desse modo, a teoria behaviorista defende a ideia de que a criança adquira a linguagem por meio da observação e imitação de adultos e de outras crianças, assim como, recebendo estímulos de dados externos, colocando o comportamento humano como objeto de estudo da Psicologia e não a mente, sem que se fosse considerado qualquer referência mental.

Sendo assim, todas as outras influências, como tudo que fosse interno e ligado à mente humana, como estados mentais ou neurofisiológicos, neste ponto de vista, seria irrelevante, uma vez que seriam observados somente os comportamentos vindos de fora. Como por exemplo, que a fala seria um estímulo verbal proporcionado por outro falante, ou seja, a resposta de um estímulo externo. Relacionado a isso, o pesquisador afirma que:

O comportamento verbal é moldado e sustentado por um ambiente verbal - por pessoas que respondem ao comportamento de certas maneiras devido às práticas do grupo de que são membros. Estas práticas e a interação resultante de orador e ouvinte produzem os fenômenos que são considerados aqui sob a rubrica do comportamento verbal. (SKINNER, 1957 p. 226)

Os postulados desse pesquisador também foram feitos com base em experimentos com animais, na chamada “Gaiola de Skinner” ou “Câmara Operante” na qual os animais eram condicionados a acionar uma alavanca quando precisavam se alimentar. Assim, o acionamento da alavanca era considerado um “reforço positivo” que tinha como recompensa o alimento recebido.

Dessa forma, em suma, no que se refere à aquisição de linguagem, nessa perspectiva, assume-se que as crianças são estimuladas pela quantidade e qualidade do que ela ouve e pelo reforço a ela ofertado pelos outros falantes da mesma língua. Assim, o ambiente em que a criança vive e as respostas positivas são os responsáveis pela aquisição.

Skinner defende ainda que a aquisição é consequência das associações estabelecidas entre os estímulos e cadeias associativas, ou seja, a criança associa determinados comportamentos e faz previsões de como supostamente ocorreria na gramática da sua língua, o que explicaria, por exemplo, as ocorrências bastante comuns durante a fase de aquisição como “fazi” (fiz), “di” (dei), explicadas pelas previsões de regularidade vistas em outros verbos de segunda conjugação, no pretérito perfeito, como em “bati”, “comi”, por exemplo.

No entanto, questões como: Será que é apenas reforçando a criança positivamente que ela adquirirá uma língua? E as analogias e comportamentos nunca antes ouvidos? Essas e outras perguntas não foram respondidas.

A proposta behaviorista, defendida por Skinner, sofreu fortes críticas do linguista Noam Chomsky, que chamou atenção principalmente para o fato de que os resultados obtidos nas pesquisas realizadas nos animais não eram livres de restrições na espécie humana, ou seja, o modelo explicativo de Skinner não seria capaz de explicar todas as complexidades e particularidades do comportamento humano, enfatizando principalmente o comportamento verbal. A partir disso, Chomsky surge com a proposta inatista visando responder às lacunas acerca do processo de aquisição da linguagem e que será apresentada na seção a seguir.

## 2. HIPÓTESE INATISTA

Diante desse cenário teórico que visava explicar a aquisição da linguagem com argumentos externos ao indivíduo, em 1959, Chomsky publicou uma resenha do livro *Verbal Behavior* de B. F. Skinner, criticando a visão comportamentalista com que se concebia a língua, usando para isso alguns argumentos que fundamentariam o Problema Lógico da Aquisição da Linguagem.

Em oposição ao que já tinha sido dito, a proposta inatista ou mentalista concentrava-se na mente do indivíduo, atribuindo a ela a responsabilidade para a aquisição de uma língua. Dessa forma, Chomsky arrola uma série de argumentos contra o Behaviorismo.

O primeiro deles foi denominado criatividade linguística, ou seja, característica que

---

permite a todos os indivíduos criarem novas expressões linguísticas, uma vez que todos, desde os analfabetos aos mais letrados, são capazes de criar infinitamente expressões inéditas em conteúdo e em extensão. A criatividade linguística é, para Chomsky, a característica que diferencia os seres humanos dos outros seres vivos.

O segundo argumento utilizado por Chomsky a favor da hipótese inatista foi a chamada “pobreza de estímulo” ou “problema de Platão”, que pressupõe que, se as crianças adquirem a língua por meio da observação, como elas seriam capazes de adquirir uma língua diante de dados tão truncados e fragmentados como são os apresentados a elas, e ainda como fariam isso em tão pouco tempo<sup>3</sup>?

Se o processo se dá por meio da observação, como as crianças adquirem a língua em períodos semelhantes, sendo que as experiências linguísticas delas seriam diferentes, uma vez que umas têm mais acesso a dados linguísticos que outras? E ainda acrescenta, caso a aquisição da linguagem fosse baseada na experiência do indivíduo com a língua, teríamos crianças com estágios diferentes de língua na mesma idade, o que seria justificado pela diferença na experiência linguística entre elas.<sup>4</sup>

Chomsky ainda ressalta que todo falante de uma língua particular é capaz de elaborar sentenças infinitas a partir de meios finitos, essa característica foi denominada de infinitude discreta. Para ilustrá-la ele a compara com os números naturais. Nas palavras do autor:

A linguagem humana baseia-se em uma propriedade elementar que também parece ser biologicamente isolada: a propriedade da infinitude discreta, exibida em sua forma mais pura pelos números naturais 1, 2, 3,... As crianças não aprendem essa propriedade; a menos que a mente humana já possuísse esses princípios básicos, nenhuma evidência poderia fornecê-los. De maneira semelhante, nenhuma criança precisa aprender que há sentenças de três e quatro palavras, e não sentenças de três palavras e meia, e que elas continuam assim por diante; é sempre possível construir uma sentença mais complexa, com uma forma e um significado definidos. Esse tipo de conhecimento precisa ter vindo para nós da “mão original da natureza” para usar a frase de David Hume (1975, seq. 85, p. 108), como parte de nossa capacitação biológica. (CHOMSKY, 2005, p.30, grifos do autor).

A partir dessa crítica, o behaviorismo perdeu força no cenário da época abrindo espaço

---

<sup>3</sup>De acordo com esta perspectiva, as crianças possuem uma gramática estável desde a primeira infância e aproximadamente aos três anos de idade já conseguem produzir e compreender sentenças de níveis de complexidade diferentes.

<sup>4</sup>Embora não sejam de interesse da perspectiva inatista, fatores sociais como escolarização, nível de letramento, classe social e etc. podem influenciar no *input* fornecido às crianças. Seguindo esse raciocínio, como crianças com experiências linguísticas diferentes chegariam a um mesmo nível de compreensão e produção linguística? A explicação dada por Chomsky é que seja por um dispositivo genético e inato à espécie humana.

para a Teoria Gerativa. Aos poucos, a ideia de que a língua era um sistema de hábitos, aprendido por meio da experiência através de estímulos respostas e reforço, foi perdendo espaço e a proposta mentalista se fortalecendo.

De acordo com Chomsky, todos os indivíduos são capazes de adquirir uma língua naturalmente, por meio de uma capacidade genética e independente de aprendizagem, algo que ocorre às crianças nos primeiros anos de vida sem que para isso seja necessário nenhum tipo de instrução formal.

A argumentação central é que todos os seres humanos possuem uma faculdade da linguagem (FL), “[...] uma propriedade única da espécie, responsável pelo fato que só os homens possuem uma história, uma evolução cultural e uma diversidade complexa e rica [...]” (CHOMSKY, 2005, p. 30).

Se analisarmos de forma ampla, excluindo os casos patológicos graves, todo indivíduo humano, em qualquer região do planeta, com alguns poucos anos de vida, é capaz de produzir e entender frases de forma natural e inconsciente, sem nenhum tipo de instrução. Dessa forma, a linguística gerativa buscou construir uma teoria que descrevesse o papel dessa faculdade, como afirma o próprio autor:

Uma das razões para estudar a linguagem (*exatamente a razão gerativista*) – e para mim, pessoalmente, a mais premente delas – é a possibilidade instigante de ver a linguagem como um “espelho do espírito”, como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem os revelam os modelos do pensamento e o universo do “senso comum” construído pela mente humana. Mais instigante ainda, pelo menos para mim, é a possibilidade de descobrir, através do estudo da linguagem, princípios abstratos que governam sua estrutura e uso e princípios que são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico, e que decorrem de características mentais da espécie humana. (CHOMSKY 1980, p. 9, grifo do autor)

Segundo essa perspectiva, nascemos dotados de um conhecimento sintático mínimo que nos permite adquirir qualquer língua natural, conhecido como Gramática Universal (GU). Nela, estão previstas todas as propriedades gerais e comuns a todas as línguas naturais (Princípios), bem como prevê as diferenças entre elas de acordo com o leque de opções disponíveis (Parâmetros). A GU, portanto, é entendida como a teoria que tenta dar conta do estado inicial da linguagem.

A partir da proposta de Chomsky, a aquisição das línguas deixa de ser analisada como um comportamento socialmente condicionado e passa a ser tratado como uma faculdade

---

mental natural. Chomsky afirma que as formas naturais da língua são capacidades herdadas geneticamente e que essa capacidade está predisposta de forma biológica, tornando possível que a criança nasça capaz de aprender qualquer língua, nomeando essa capacidade como um dispositivo de aquisição da linguagem (Language Acquisition Device), “LAD”. Sobre isso, Chomsky diz que,

No que diz respeito à aquisição da linguagem, parece claro que o reforço, a observação casual e a inquisição natural (juntamente com uma forte tendência a imitar) são fatores importantes, assim como a notável capacidade da criança de generalizar, hipotetizar e processar informação de várias maneiras muito especiais e aparentemente altamente complexas que ainda não podemos descrever ou começar a entender, e que podem ser amplamente inatas, ou podem se desenvolver através de algum tipo de aprendizado ou através do amadurecimento do sistema nervoso. [...] É possível que a capacidade de selecionar dentre as entradas auditivas complexas as características que são fonologicamente relevantes possam se desenvolver em grande parte independentemente do reforço, por meio de maturação determinada geneticamente. (p.15) [...] O fato de todas as crianças normais adquirirem gramáticas essencialmente comparáveis, de grande complexidade e notável rapidez, sugere que os seres humanos são de alguma forma especialmente projetados para isso, com capacidade de manipulação de dados ou de formulação de hipóteses de caráter desconhecido e complexo. (CHOMSKY, 1959 p. 50, tradução nossa.)<sup>5</sup>

Especificamente, no que tange ao LAD, de acordo com Chomsky (1986, p.3), deve ser entendido como:

Um componente inato da mente humana que produz uma língua particular através da interação com a experiência presente, um dispositivo que converte a experiência em um sistema de conhecimento avançado: conhecimento de uma ou outra língua. (CHOSMKY, 1986, p.3)

Dessa maneira, a teoria gerativa propõe que o ser humano vem equipado com a GU em seu estado inicial (So) dotada de princípios universais e de parâmetros cujos valores (+ou-) vão ser fixados pela criança após a experiência linguística, ou seja, pelo *input* linguístico. Isto é, o conjunto de sentenças ouvidas no contexto de fala, os dados que o falante está exposto e que

---

<sup>5</sup> As far as acquisition of language is concerned, it seems clear that reinforcement, casual observation, and natural inquisitiveness (coupled with a Strong tendency to imitate) are importante factors, as is there markable capacity of the child to generalize, hypothesize, and “process information” in a variety of very special and apparently highly complex ways which we cannot yet describe or begin to understand, and which maybe largely innate, or may develop through some sort of learning or through maturation of the nervous system. [...] it is possible that ability to select out of the complex auditory input those features that are phonologically relevant may develop largely in dependently of reinforcement, through genetically determined maturation. (p.15) [...] The fact that all normal children acquire essentially comparable gramars of great complexity with remarkable rapidity suggests that human beings are some how specially designed to do this, with data-handlingor “hypothesis-formulating” ability of unknown character and complexity. (CHOMSKY, 1959 p. 50)

“entram” em sua GU são processados a fim de tornarem-se próprios da gramática particular de cada indivíduo. Quando esses dados são processados, o falante produz o que a teoria denomina *output*, em outras palavras, trata-se de uma mistura entre a GU e o *input*.

A marcação desses parâmetros ocorre quando os falantes são ainda crianças. Assim, nascemos com uma predisposição biológica, representada pela GU que nos dá condições de, com a exposição aos dados linguísticos primários (*input*), selecionar os valores dos parâmetros que mais se adequam a nossa língua. Dessa forma, a junção de diversas marcações paramétricas gera combinações únicas que caracterizam e diferenciam as línguas.

O uso que essa criança faz desse conhecimento internalizado é o que chamamos de performance ou desempenho, enquanto o conhecimento que ela possui acerca da língua que fala chama-se competência. Com a competência, podemos dizer que o falante já possui conhecimento sobre a língua que fala, já consegue inclusive decidir se uma sentença é gramatical ou não em sua língua.

Em síntese, a aquisição de uma língua, na perspectiva inatista, se inicia nos primeiros meses de vida de uma criança, quando ela possui um conhecimento linguístico geral, a GU, cujo estado inicial transforma-se em uma língua particular com a fixação dos parâmetros. Depois de fixados, as crianças já têm uma gramática nuclear internalizada, individual, em outras palavras, nesse momento, assume-se que a criança adquiriu uma língua.

Em desacordo com o que fora apresentado acima, temos outra perspectiva, a hipótese interacionista, que vai centrar na interação entre os sujeitos a explicação para a aquisição da linguagem, conforme veremos na seção seguinte.

### **3. HIPÓTESE INTERACIONISTA**

Ampliando o rol de correntes teóricas que se ocupam com o processo de aquisição da linguagem, temos a perspectiva Interacionista inaugurada por Piaget.

O primeiro passo para apresentação dessa vertente teórica passa pela necessidade de reconhecimento da epistemologia da palavra interação, no que se refere à área da Aquisição de Linguagem. Segundo Scarpa (2001, p. 214), “a interação social e a troca comunicativa entre a criança e seus interlocutores são vistas como pré-requisito básico no desenvolvimento linguístico”.

De acordo com Piaget, além dessa interação necessária para o desenvolvimento da aquisição

da linguagem, a criança também precisa estar na fase de maturação, momento em que são desenvolvidos os estágios necessários para a conexão que vai lhe permitir a aquisição. Dessa forma, pode-se dizer que a teoria de Piaget parte do princípio da construção do conhecimento da criança e como ela lida e se relaciona com as ações e objeto do meio externo. Sendo assim, o sujeito é responsável pela ação que exerce sobre o meio e a inteligência é fruto dessa prática, que vai sendo aperfeiçoada no decorrer desse aprendizado.

Segundo Del Ré (2006), Piaget não está interessado na aquisição da linguagem, mas na relação linguagem/pensamento, que permite que o indivíduo construa conhecimento a partir das experiências com o mundo. O indivíduo vai construindo estruturas cognitivas e inatas ao longo da vida, conforme se conecta com a natureza e o meio social.

Os estudos de Piaget foram muito importantes para a compreensão e elaboração da Teoria do Desenvolvimento Cognitivo, embasada em sua pesquisa sobre a Epistemologia Genética. Contudo, apesar da grande influência dos estudos de Piaget, é importante ressaltar que o objeto desses estudos acaba por ser generalizado, de forma que não consideram aspectos pessoais da evolução linguística, como as condições sociais ou culturais, por exemplo.

Ampliando o escopo do Interacionismo, Vygotsky (1978) passa a levar em consideração o processo histórico-social e a linguagem no desenvolvimento do indivíduo. Ele pretendia desenvolver uma abordagem que unisse o indivíduo tanto de forma biológica, quanto de forma histórica e social.

Nessa abordagem, o aparato biológico, tão discutido na concepção Inatista, continua tendo sua importância, contudo, ele não seria suficiente para dar origem a um processo de aquisição, pois esse seria um processo, acima de tudo, social. Logo, os estudos de base interacionista definem que a interação é, portanto, um elemento indispensável para a aquisição da linguagem. Nessa visão, segundo Sim-Sim (2017, p.7), “[...] o desenvolvimento da linguagem é teoricamente perspectivado como o resultado da interação social e das necessidades práticas de comunicar.”

Sobre isso, Kail (2013, p. 76) afirma que “no recém-nascido, respostas geneticamente programadas garantem a recepção dos sinais de comunicação da espécie, e os mecanismos que permitem a comunicação são resultados de interações primitivas”.

Para tanto, a criança precisa estar exposta à fala (*input*), ou seja, a dados de língua que são indispensáveis para a aquisição da linguagem humana. No âmbito dos estudos interacionistas, essa exposição se dá por meio do *outro* em meio à interação social, o que faz com que a

criança seja afetada pela fala que é dirigida a ela.

Dessa forma, desde o seu nascimento, o bebê é “mergulhado num universo significativo por seus interlocutores básicos, que atribuem significado e intenção às suas emissões vocais, gestos, direção do olhar” (SCARPA, 2001, p. 215), havendo, desta maneira, uma interação adulto-bebê que marca a presença de um interlocutor com o qual se comunica, realizando, portanto, a interação.

Vygotsky defende a ideia de que a função do adulto é guiar a criança desde que comece seu desenvolvimento para que ela consiga perceber e imitar suas ações, formando assim o seu próprio desenvolvimento, momento esse em que a criança já domina suas próprias ações e as realiza de forma consciente.

Segundo Del Ré (2006, p. 25), “O interacionismo social propõe que a criança não seja apenas um aprendiz, passivo, mas um sujeito que constrói seu conhecimento (mundo e linguagem) pela mediação do *outro*”. Com isso, a sustentação para o desenvolvimento linguístico da criança se dá na inter-relação entre ela e o *outro* que até pode ser outra criança.

Nessa perspectiva, dentro da linguagem, a criança vai se construindo como sujeito, conhecendo o mundo e o *outro* por meio da linguagem e os objetos do mundo físico, os papéis dentro do diálogo e as categorias linguísticas vão sendo moldadas e instauradas pela interação entre a criança e seu interlocutor.

Assim, por meio dessa visão, o processo de aquisição passa a ser visto como mediado pela interação social e ganha uma série de adeptos e estudiosos que buscaram, através de dados empíricos, comprovar a necessidade de características e elementos específicos para que a aquisição de uma língua possa ocorrer.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Vimos ao longo do texto que independentemente de qual perspectiva seja assumida, fato é que as crianças nascem com a capacidade de desenvolver a linguagem e, conseqüentemente, de interação de maneira similar, sendo distinta apenas a maneira de manifestação dessa comunicação e, conseqüentemente, a interpretação a esse processo é que será dada de formas distintas, a partir da perspectiva teórica que é assumida, e como esta analisa o processo comunicativo da criança adicionando outros dois fatores: a linguagem e o adulto.

Sendo assim, as três correntes teóricas apresentadas aqui perpassam de uma visão externa à

---

criança, passando por uma perspectiva mentalista e, por fim, tem-se ênfase ao processo de interação entre os sujeitos envolvidos na situação de comunicação. Assim, para o Behaviorismo, a aquisição ocorre por meio de aprendizado entre o meio externo e a relação entre estímulo-resposta-reforço, para o Inatismo, pela existência de um mecanismo inato à espécie, (a faculdade da linguagem) e, para o interacionismo, através do processo no qual o adulto se apresenta como instância linguístico-discursiva da língua constituída, ou seja, o funcionamento simbólico da linguagem.

Quanto ao papel da criança diante do material linguístico de que dispõem também temos três possibilidades de explicação. Assim, para o Behaviorismo, as crianças se expressam e são reforçadas positiva ou negativamente pelos adultos; para o Inatismo, elas nascem com conhecimento linguístico predeterminado e com o *input* elas farão apenas a formatação da língua a que estão expostas e; para o Interacionismo, não é dado à criança a responsabilidade de lidar com o material linguístico, porque a criança é tida como corpo pulsional, é um sujeito que pede para ser interpretado.

A importância dada ao adulto é compreendida de forma diferente também, logo, para o Behaviorismo, o adulto tem a função de dar as respostas e reforços positivos para o aprendizado da língua, enquanto que no inatismo, ele tem a função de fornecer às crianças o *input* necessário para que ela adquira uma língua, já na corrente interacionista, o adulto tem a função de representar o Outro (a linguagem).

Com isso, percebe-se como os estudos sobre a aquisição da linguagem foram essenciais para todas as teorias que foram surgindo ao longo do tempo. Antes dos estudos nas perspectivas teóricas citadas no presente artigo, as suposições eram muito vagas sem que houvesse um foco definindo sobre qual ou como seria realmente o processo através do qual uma criança adquire uma língua. Como observado, apesar de distintas enquanto correntes teóricas, muitas vezes elas se aproximam na tentativa de aprimorar a proposta teórica subsequente. É sabido, ainda, que algumas das teorias apresentadas possuem poucos adeptos ou pesquisas sendo desenvolvidas atualmente, no entanto, é importante destacar que graças a elas a aquisição da linguagem conseguiu sedimentar-se enquanto um campo bem definido e diverso no que tange às possibilidades de enfoque.

## Referências

- CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso*. Lisboa: Caminho, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente*/ Noam Chomsky; tradução Marco Antônio Sant'Anna. – São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Knowledge of Language: its nature, origin and use*. London: Praeger, 1986
- \_\_\_\_\_. *A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*. *Language*, 35,1,26-58. 1959
- DEL RÉ, A. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. IN: DEL RÉ, Alessandra (Org). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. 2. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2006.
- KAIL, M. *Aquisição da Linguagem*. São Paulo: Parábola, 2013
- LEMONS, C. T. G. *Sobre a aquisição e seu dilema (pecado) original*. Boletim da Abralín. Recife: Ed. Universitária da Universidade Estadual de Pernambuco, v. 3, 1982.
- QUADROS, R. e FINGER, I. (orgs). *Teorias de aquisição da linguagem*. 3ª ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2017.
- SCARPA, E. M: *Aquisição da Linguagem*.In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001. pág. 203-232.
- SIM-SIM, I. *Aquisição da linguagem: Um olhar retrospectivo sobre o percurso do conhecimento*. In.: FREITAS, Maria João, SANTOS, Ana Lucia. *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*. Berlin: Language Science Press, 2017. pág. 3-34.
- SKINNER, B. F. (1957/1992). *Verbal Behavior*. Acton, Massachusetts: Copley.
- SKINNER, B. F. (1970). *An autobiography*. In P. D. Dews. *Festschrift for B. F. Skinner*. (pp. 1-21). New York: Appleton-Century-Crofts Skinner.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.